

Discurso Religioso e Violência de Gênero – Uma Análise da Linguagem Episcopal no Periódico *Conexão*

*Fernanda Lemos**

RESUMO

Este ensaio propõe discutir a violência simbólica produzida pelo discurso religioso nas relações de gênero, na análise significativa da linguagem episcopal, publicada no periódico mensal da Igreja Metodista, intitulado: *Conexão*. Para tanto, selecionamos fragmentos discursivos do período episcopal de 1998 a 2001, o qual demonstra, por meio da linguagem misógina, patriarcal e androcêntrica, a naturalização e a sacralização da violência nas relações sociais de sexo. Portanto, o desenvolvimento do ensaio buscará visualizar a violência de gênero produzida pelo discurso religioso.

Palavras-chave: gênero – violência – religião – discurso religioso.

Introdução

Quando ouvimos falar de violência contra a mulher, a primeira imagem que nos vem à mente é da mulher espancada, com olho roxo, com o corpo marcado, e violado pelo companheiro¹.

Esse tipo de violência (física) é uma realidade contabilizada pelas Delegacias da Mulher no estado de São Paulo, os números que temos – por meio dos Boletins de Ocorrência – são que 311.224 mulheres foram vítimas de crimes, que vão de homicídios até ameaças, no ano de 2000²; sem considerar as mulheres que silenciam por inúmeros motivos: medo, dependência financeira, dependência emocional e, em muitos casos, pela filiação a um grupo religioso. A experiência empírica nos demonstra que muitas mulheres continuam vítimas da violência pelo fato de pertencerem a uma instituição religiosa e ouvirem de seus líderes a seguinte expressão: “ele te violenta por estar dominado por espíritos malignos” ou “tenha paciência, ore, clame ao Senhor, pois um dia ele vai parar de te bater; foi Deus quem lhe deu este companheiro, e você, como é uma mulher sábia, tem que respeitá-lo até a morte”.

Outro aspecto relevante consiste no mito de que somente o companheiro violenta. Na verdade, a mulher sofre violência por parte de outros homens também, que podem ou não fazer parte do círculo de suas relações sociais: na família, no emprego, na rua, na escola, na igreja. Por isso, Heleieth Iara Bongiovani Saffioti num artigo à *Revista Estudos Feministas*, “Violência de Gênero no Brasil Atual” (1994), considera que a violência nas relações de gênero integra a organização social do gênero vigente na sociedade brasileira. A violência contra a mulher caracteriza uma forma de controle social, e re-afirmação do poder do macho³. Neste caso, a violência de gênero expressa a gestão da ordenação social patriarcal e nutre, com suas práticas sociais, um tipo de relação de gênero violenta.

Um exemplo marcante e representativo da violência que “cerca” as mulheres está no fato de

* É graduanda do curso de Teologia na Universidade Metodista de São Paulo – UMESP; seminarista da Igreja Metodista em São Paulo; e membro/estagiária do NETMAL.

1. Idéia extraída do artigo: SOUZA, Sandra Duarte. “Corpo de Mulher e Violência Simbólica”. In: *Tempo e Presença*. Ano 24, nº 322, março/abril de 2002. p. 23. (Publicação de KOINONIA).

2. *Conheça seus Direitos: Violência doméstica e sexual*. 2ª edição revisada e ampliada. Equipe da União de Mulheres de São Paulo, SP, Mandato Vereador Ítalo Cardoso (PT/SP). São Paulo. 2001. p. 73.

3. A expressão “macho” é utilizada pela autora nos seus artigos e livros consultados.

que, quando uma mulher é estuprada, e o esturador é detido, a reação imediata dos demais detentos é de estuprá-lo também, como uma forma de vingança, de se fazer justiça pela violência causada; nossa problemática consiste em perguntar por que este homem foi violentado? A resposta não vem em direção à defesa da mulher como sujeito social, mas, na atitude inconsciente dos outros homens que poderiam possuí-la sexualmente⁴. Ou seja, há objetivada nas relações sociais, a condição da mulher como pertencente a um homem, sob o domínio de um macho.

A violência contra a mulher é responsável por inúmeros delitos, que vão de ferimentos leves até a morte. Essa violência é responsável pela perda da auto-estima feminina, visto que, em muitas situações, a mulher não se vê mais como portadora de dignidade e direitos fundamentais à vida. Gera-se, neste caso, um grande sentimento de culpa, pois, quando lhe é perguntado sobre a violência sofrida, muitas vezes, ela vai justificar o companheiro com afirmações do tipo “ele me bateu porque eu não quis transar com ele”, ou em casos em que a mulher não conhece o agressor “eu fui estuprada! Não deveria ter saído à noite sozinha, ainda mais com saia curta”, ou seja, não querer transar e/ou usar a roupa que ela quiser, sair pela noite, não é entendido como direito individual, mas como o motivo pelo qual sofreu a violência, logo, a culpa que é do agressor, lhe é imputada e explica a violência sofrida.

Vendo a Violência que Não se Vê

Ainda dentro da perspectiva da violência de gênero, analisemo-la sob outro prisma. Se, por um lado, a mulher é violentada fisicamente, por outro, mulheres que sofrem ou não violência física, e ainda são integrantes de grupos religiosos sofrem um outro tipo de violência, suave, duradoura, e quase imperceptível – a violência simbó-

lica. A violência simbólica é expressa por meio de signos, ritos, palavras; neste caso, especificamente, abordaremos a linguagem religiosa como produtora de violência nas relações sociais de sexo.

Se a linguagem, como produção humana de significados desempenha funções sociais de dominação, legitimação e coerção, quando denominada e instituída como sagrada, adquire valor significativo para o sujeito religioso. Desse modo, a religião estabelece uma relação entre o sujeito religioso e o sagrado, logo, a religião e seus derivados (discursos e práticas) são naturalizados, mistificados e mitificados como fenômenos independentes do ser humano, provenientes da instituição sagrada. Isto se evidencia na pronúncia discursiva da sacerdotisa e do sacerdote, visto que a fala não é humana, mas sagrada; esta forma representativa se dá no campo imaginário, no campo das relações simbólicas, detentor de significações individuais e coletivas para a fiel e o fiel.

A religião – em sua funcionalidade institucional – é considerada um dos instrumentos mais efetivos de controle social, segundo Geertz:

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens [e mulheres] através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁵

Ou seja, a religião e seu processo de socialização contribuem para uma construção simbólica de extrema eficácia e durabilidade no cotidiano dos sujeitos religiosos. Portanto, a produção de violência nas relações de gênero não é algo estanque, teve origem no tempo e no espaço.

No processo histórico da humanidade, a violência é um dado presente nas religiões mais primitivas. Nas sociedades sacrificiais, o relaciona-

4. Idéia extraída de Heleieth Saffioti num seminário interno realizado pelo NETMAL em 2001.

5. GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. p. 104.

mento com o sagrado se dava por meio de sacrifícios, e disto dependia – no imaginário coletivo – a garantia de continuidade do grupo, e de sua subsistência. Havia a necessidade da existência de um “bode expiatório”, para que toda a violência que circulasse no grupo não o exterminasse, mas que desembocasse em uma única vítima, por isso, Girard afirma que “A violência e o sagrado são inseparáveis”⁶. Portanto, a violência é um fenômeno que jamais deixou de existir na religião.

Fragmentos Discursivos de Violência de Gênero

Na contemporaneidade, em estruturas simbólicas complexas, a violência é uma forma de dar continuidade ao fenômeno religioso, visto que as relações de poder na instituição são mantidas por meio da sacralização do discurso, da autoridade do líder e da instituição religiosa.

A experiência empírica tem dado veracidade aos aspectos teóricos abordados por Geertz e Girard, visto que, num artigo publicado por um periódico mensal de uma instituição religiosa cristã, e destinado a todas as pessoas do grupo religioso, o líder apresenta fragmentos de um discurso religioso misógino, portanto, violento:

...A disciplina da parte do Senhor deu-se por meio das maldições sobre a serpente, sobre a mulher (com a submissão ao homem) (...) O incesto aparece como outra depravação da família. Biblicamente, teve origem com as filhas de Ló, cuja família foi diminuída com a morte da esposa, transformada em estátua de sal (...) Ainda neste contexto da depravação está o sodomismo – homossexualismo masculino e feminino. (...) De igual forma, o feminismo gerado no século XIX por uma mulher que se irou contra a igreja, é outro movimento que tem promovido o enfraquecimento da família. Assim, todas as vertentes da depravação familiar têm favorecido que a visão de Isaías (Is. 3 e 4) e o espírito da igreja de Laodicéia se impregnem em auto-suficiência, deixando o próprio Jesus “do lado de fora da igreja” que temos gerado por meio do democratismo...⁷.

Ao analisar o discurso apresentado, em todos os aspectos, a violência de gênero é perceptível na desigualdade percebida entre o homem e a mulher, neste caso, legitimada pelos textos sagrados cristãos, pela autoridade do Bispo e pela instituição religiosa. Durante o discurso, há todo um embasamento bíblico, sem nenhuma chave hermenêutica e/ou exegese bíblica. Há uma ênfase demasiada nos modelos sociais instituídos, como: família, sexo, relações de sexo, relações familiares e uma constante sacralização da violência, justificada pela culpabilização da mulher na história bíblica da humanidade.

A misoginia está imbuída em todo discurso selecionado, a mulher está no centro da origem do mal durante toda a história bíblica da humanidade. Significativamente, a mulher é a causadora de toda “depravação familiar”, ou seja, os problemas estruturais da instituição familiar e do tecido social não são sociais, mas, provenientes das mulheres desde os mitos de criação, por causa das suas atitudes de “auto-suficiência”. Segundo o líder religioso, a causa da “depravação familiar” e, conseqüentemente, da depravação da humanidade, origina-se em Eva, com as filhas de Ló, com a esposa de Ló, com o homossexualismo feminino e masculino, até o advento do feminismo no século XIX, especificamente por “uma mulher que se irou contra a igreja”.

Um outro aspecto que merece ser observado na análise de significados do discurso refere-se ao símbolo que a figura mitológica de Eva representa para as mulheres da religião cristã, a mulher é criada a partir da costela do homem, e por sua desobediência – querer o conhecimento – é “castigada com a submissão ao homem”. Ou seja, segundo a tradição cristã, a mulher é criada a partir do homem, a divindade que a cria não a cria como ser autônomo, mas um ser em função do outro, sob o domínio do outro.

Neste sentido, torna-se “normal”, no discurso religioso, afirmar que a mulher é submissa ao marido por sua desobediência, que sua autonomia está vinculada à autoridade do marido, visto que

6. GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra/Unesp. 1999. p. 33.

7. SOUZA, Adolfo Evaristo. A família nos Diferentes Contextos. *Conexão*. Ano VIII, nº 85. Julho/99. p. 3.

assim Deus criou e estabeleceu a “ordem das coisas”. Desta forma, a violência simbólica é praticada no discurso, pois, sutilmente domina os corpos das mulheres. Logo, as diferenças nas relações sociais de sexo – construídas historicamente – são objetivadas e passam a fazer parte do mundo social das mulheres que, por sua vez, entendem – e estão condicionadas a entender – tais violências como “a ordem natural das coisas”. Portanto, as arbitrarias divisões nas relações sociais de sexo são naturalizadas e sacralizadas, e torna-se parte da “ordem” do mundo social das mulheres na instituição religiosa.

A Linguagem da Violência, ou A Violência da Linguagem?

O discurso religioso é um dos instrumentos mais significativos de dominação nas relações de gênero, pois, mediante a sacralização das relações sociais de sexo, a violência é produzida, mantida e legitimada, alcança *status* de validade suprema, sendo considerada fenômeno sagrado. As construções sociais humanas assumem o caráter sacro, o sagrado institui papéis sociais, normas e leis à vida das fiéis e dos fiéis, por meio da força simbólica.

No pensamento de Bourdieu, a força simbólica age como um “macaco mecânico”: desempenha-se um gasto muito pequeno de energia para incorporá-la, mas, seus efeitos transformadores/mantenedores são poderosos, penetrantes e duradouros,

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos⁸.

Portanto, a força simbólica – na concepção de Bourdieu – está contida nos sistemas simbólicos produzidos pelo discurso religioso, é responsá-

vel pela socialização, e contribui assim para a construção da subjetividade individual, e do imaginário coletivo dos homens e mulheres da instituição religiosa.

Ao afirmar que o sagrado tem ficado fora da igreja por meio do “democratismo”, o Bispo, sutilmente, indica que toda e qualquer forma de igualdade na instituição é uma ameaça ao poder instituído, pois permite aos fiéis uma relativa independência e faz com que não ouçam a voz do sagrado na figura do Bispo. Desta forma, o Bispo estrutura as relações de poder na instituição, assegurando a imposição da dominação masculina nas relações sociais de sexo, legitimada por mecanismos institucionais de dominação (ritos, palavras, signos) que, por sua vez, são condutores e produtores de violência. Para tanto, o líder utiliza como instrumento argumentativo, para justificar sua autonomia em relação aos sujeitos religiosos, a linguagem religiosa; perguntemo-nos: qual a função da linguagem religiosa nas relações de gênero? Qual seu grau de significância para o grupo?

Segundo Citelli⁹, a linguagem religiosa é uma das linguagens mais persuasivas, pois há intenção para que se convença a interlocutora e o interlocutor, para que seu comportamento seja modificado e/ou mantido. Por meio do discurso religioso persuasivo, o líder justifica que a mulher deve ser submissa ao marido, suportar todos os conflitos de relacionamentos para a durabilidade da família, rejeitar a homossexualidade e não ser auto-suficiente, pois tais comportamentos são responsáveis pela “depravação familiar”.

Portanto, o grau de persuasão do líder no discurso religioso, produz a violência nas relações de gênero, e garante a durabilidade da instituição, do poder masculino, e do grupo religioso. Num outro fragmento de discurso analisado, o mesmo líder religioso afirma que:

8. BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999. p. 50.

9. CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática. 2000.

... No Ministerial Nacional de Pastores e Pastoras realizado em Belo Horizonte (1988), quando constava nas orientações litúrgicas o cântico a Maria e um credo, fazendo referência a Deus Pai e Mãe; Deus Filho, Deus Espírito Santo e Terra Mãe, veio à tona o contraste: precisávamos de um AVIVAMENTO que trouxesse a ESSÊNCIA da nossa vocação¹⁰.

Apesar da linguagem inclusiva utilizada pelo Bispo: "... pastores e pastoras..." – uma normativa da instituição religiosa – encontramos diversos fragmentos repletos de significados para análise lingüística das diferenças de gênero. Começamos pela indignação do Bispo no que se refere às figuras femininas citadas: "cântico a Maria", "Deus Mãe", "Terra Mãe". Tais liturgias no contexto religioso da Igreja Metodista são comuns, contudo, o líder demonstra a resistência masculina em relação às figuras sagradas de mulheres. Na esfera sagrada da instituição, não cabe a divindade representada pela figura feminina, visto que, segundo o Bispo contraria o patriarcado sagrado, que é a essência da verdade. Portanto, o Bispo propõe um retorno às origens (avivamento) para o retorno à vocação; significativamente há a inclusão da mulher no campo profano, ou seja, a impossibilidade no discurso de que uma divindade seja feminina. Portanto, faz-se necessário a observação feita por Luiza E. Tomita, no vídeo *Gênero, Violência e Religião*, argumentando que a figura patriarcal de Deus não cabe mais para as mulheres da religião cristã na contemporaneidade, logo, faz-se necessário repensar a figura do deus pai/homem.

A frase: "... recuperar o AVIVAMENTO que trouxesse a ESSÊNCIA da nossa vocação", representa a negação da inclusão da representatividade feminina no campo sagrado. Contudo, se o líder propõe uma recuperação, significa que de alguma forma a figura patriarcal do Deus cristão tem perdido sua plausibilidade, logo, este androcentrismo tem sofrido algumas mutações,

talvez por não mais responder a questões das mulheres enquanto sujeitos históricos na contemporaneidade.

Para o líder, a palavra utilizada para demonstrar este conflito no campo religioso é: *contraste*, o contrário do tradicional, daquilo guardado pela igreja, do que outrora era sacro, imexível, indubitavelmente legítimo.

Num outro momento, o líder afirma:

A história da Igreja Metodista nas últimas décadas foi permeada por conflitos e perdas da membresia, decorrentes da falta de convicção doutrinária, da reinterpretação das Escrituras e de conceitos filosóficos da maçonaria, do feminismo, da teologia da libertação e do liberalismo, que focalizam mais os aspectos temporais da vida humana...¹¹

Segundo o Bispo, a "... falta de convicção doutrinária, da reinterpretação das Escrituras e de conceitos filosóficos da maçonaria, do feminismo, da teologia da libertação e do liberalismo..." são movimentos responsáveis pela evasão da membresia na instituição religiosa. Há, constantemente, a preocupação com a manutenção do poder do líder, da igreja e, principalmente, da autoridade masculina. O feminismo é apontado como um risco para a instituição, pois suas concepções contradizem as doutrinas fundamentais da igreja, entre elas a responsabilidade hierárquica do grupo masculino; a mulher e, conseqüentemente, o movimento feminista constituem uma ameaça, pois podem, a qualquer momento, apoderar-se da liderança da instituição religiosa.

Segundo o líder, o feminismo, assim como os demais "conceitos filosóficos", focalizam os aspectos temporais da vida humana, ou seja, as preocupações com o sujeito individual e com a coletividade não são relevantes, pois não contemplam dimensões espirituais, mas, as temporais.

10. SOUZA, Adolfo Evaristo. *Conexão*. Ano VII, nº 76. p. 2. Setembro de 1998.

11. SOUZA, Adolfo Evaristo de. *Conexão*. Ano VII, nº 72. p. 2. Maio de 1998.

Conclusão

No processo histórico, a experiência empírica nos tem apresentado a seguinte configuração: nas relações sociais de sexo, o homem tem sido o sujeito produtor e mantenedor do saber e do poder na instituição religiosa. Para manutenção do poder patriarcal, os discursos religiosos são legitimados pela palavra instituída pelo sagrado, envolvendo tanto a coletividade como o sujeito individual.

Devido a “todo mal causado pela mulher à humanidade”, o discurso religioso se torna mantenedor e legitimador das diferenças nas relações sociais de sexo, construídas no decorrer do processo histórico, e também mantém e afirma que a “submissão da mulher ao marido é uma maldição dada por Deus por sua desobediência ao sagrado”, ou seja, ela é submissa ao homem não porque foi explorada, violentada, humilhada no processo histórico, mas, porque sua culpa é demasiadamente presente na história bíblica, da igreja, e da humanidade.

Apesar de compreendermos a participação da mulher como sujeito ativo no processo histórico, percebemos que, no discurso religioso, especificamente no que se refere às relações de gênero, os estereótipos femininos já estão instituídos, qualquer “desvio” comportamental das mulheres estabelecido pelos homens da instituição, representa a punição e/ou desligamento da mulher do grupo. Logo, a aceitação dos estereótipos impostos pela igreja, representa para a mulher, a garantia de continuidade no grupo religioso. Muitas vezes nos perguntamos: como esta mulher aceita as imposições sobre seu corpo, sobre sua vida, sobre sua individualidade? Ou melhor, por que ainda continua nas instituições religiosas? Uma das hipóteses que temos consiste em considerar que esta mulher, mesmo violentada, consegue, no grupo religioso, obter o sentimento de pertença, de fazer parte de um grupo, e de encontrar respostas – mesmo por meio das *teodicéias*¹² para

violência sofrida no cotidiano, no espaço doméstico e na sociedade.

Portanto, torna-se demasiadamente urgente a desconstrução do discurso religioso androcêntrico, misógino, patriarcal; e a dessacralização da violência nas relações sociais de sexo. Pois a violência que não se vê é penetrante, imperceptível e sutil, não é provocada por um ou vários homens, mas por um sistema social machista interessado em controlar os corpos das mulheres, visto que o corpo da mulher para tais sistemas representa: objeto de desejo, objeto de prazer, meio de procriação e uma ameaça ao poder religioso instituído.

Mesmo “nadando contra a maré”, teólogas feministas – que em muitos casos pertencem a instituições religiosas com discursos tradicionais, como os que ora analisamos – têm a proposta da reinterpretação bíblica a partir da perspectiva de gênero; segundo Tânia Mara Vieira Sampaio¹³, faz-se necessário redimensionar e dinamizar a ciência exegética com seu recorte androcêntrico, propondo novas perguntas aos textos bíblicos, percebendo as pessoas e grupos sociais em sua dinâmica relacional, enfrentando a questão do poder presente na organização social das relações de gênero, que, por sua vez, são frutos de processos históricos e não biológicos. A autora propõe também não somente analisar os textos bíblicos, mas também buscar descrições relacionais de gênero que se expressam nas ações do cotidiano, levando-se em consideração o cotidiano como espaço significativo das relações sociais. A metodologia exegética é exercida, portanto, como um processo de indagação ao texto bíblico, buscando identificar mulheres, homens e crianças em suas relações cotidianas concretas. A autora convida à descoberta das estruturações de gênero que passam tanto o real quanto os textos, e desafia o diálogo de gênero no processo de leitura da Bíblia.

12. Estamos utilizando o termo *teodicéia* segundo a concepção de Peter Berger, ou seja, explicação mística para os conflitos sociais.

13. SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Considerações para uma hermenêutica de gênero do texto bíblico. In: *RIBLA* n° 37, ano 2000, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. p. 7-14.

Portanto, o que se propõe não é o fim da participação das mulheres na instituição religiosa, mas, a desconstrução da tradição bíblica/institucional patriarcal, androcêntrica e misógina, considerando que nas relações de gênero a “violência física nada mais é do que a materialização da violência simbólica”.¹⁴

Bibliografia

- AGUIAR, Neuma (ORG). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 1997. 191 p. (Coleção Gênero).
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: Literatura e História*. São Paulo: Ática. 2000. 96 p. (Série Princípios).
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. Trad. José Carlos Barcellos. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1985. 194p. (Coleção Sociologia e Religião; 2).
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999. 160 p.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5. edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999. 361 p. (Ciências Sociais).
- _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 4. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001. 322 p.
- CARVALHO, José Jorge. A Religião como sistema simbólico: uma atualização teórica. *Fragments de Cultura*. Goiânia: UCG. Jan./Fev. 2001. n. 1, v. 11. p. 33-54.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática. 2000.
- ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o Silêncio Fala: Feminismo, Teoria social e Religião*. São Paulo: Paulinas, 1996. 326p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 10ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1992. 295 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, v. 7)
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora UNESP/Paz e Vida. 1990. 391 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 5ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1998. 269p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987. 2. ed. (Coleção Linguagem/critica).
- _____. *O que é lingüística*. São Paulo: brasiliense. 1999. 70 p. (Coleção Primeiros Passos).
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Violência de gênero no Brasil atual. In: *Estudos Feministas*. [s.l.] CIEC/ECO/UFRJ. Nº 5, outubro/1994, p.443.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Considerações para uma hermenêutica de gênero do texto bíblico. In: *RIBLA nº 37*, ano 2000, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. p. 7-14.
- SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas. In: *Estudos Feministas*, 5 (1). Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. 1997.
- SOUZA, Sandra Duarte de. “Corpo de Mulher e Violência Simbólica”. In: *Tempo e Presença*. Ano 24, nº 322, março/abril de 2002. p. 23. (Publicação de KOINONIA).

Textos Analisados

- SOUZA, Adolfo Evaristo. *Conexão*. Ano VIII nº 85. Julho/99. p. 3.
- _____. *Conexão*. Ano VII, nº 76. Setembro de 1998. p. 2.
- _____. *Conexão*. Ano VII, nº 78. Novembro de 1998. p. 2.
- _____. *Conexão*. Ano VII, nº 72. Maio de 1998. p. 2.

14. Este conceito tem sido dialogado em muitas discussões promovidas pelo NETMAL, bem como em suas produções acadêmicas (vídeo, seminários, revistas, projetos).